



DANIELI HAUTEQUEST

# NÚMEROS & SENTIMENTOS

VOLUME 1



**DANIELI HAUTEQUEST**

# **Números & Sentimentos**

**Volume 1**

**1ª Edição**

**COPYRIGHT © 2015 DANIELI HAUTEQUEST**

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por meios eletrônicos (e-mail, download, postagem em websites, compartilhamento ou gravação), mecânicos ou fotocópias, assim como modificada, adaptada ou traduzida sem a prévia autorização da autora.

LEITURA CRÍTICA | REVISÃO

Priscilla Nunes Hautequest

REVISÃO, DIAGRAMAÇÃO, CAPA E PROJETO GRÁFICO

Danieli Hautequest

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lívia Porto Zocco. CRB8 – 5992

**Hautequest, Danieli**

Números e Sentimentos: Volume 1 / Danieli Hautequest.

- Florianópolis: Ed. do Autor, 2015.

294 p. : il.

ISBN 978-85-910493-8-7

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – B869

DANIELI HAUTEQUEST

[www.danielihautequest.com.br](http://www.danielihautequest.com.br)

# AGRADECIMENTOS

A publicação desta história somente foi possível graças às contribuições de:

**Ana Maria, Ada, Adriana, Adriana S., Andréa, Bárbara, Beatriz, Carliany, Caroline, Daniele, Elaine, Elisa, Gabriela, Glauçia, Isabela, Janaina, Jaqueline, Joana D'Arc, Joyce, Lilian, Marcia Paula, Maria Clara, Maria Tereza, Maria W., Marina, Paloma, Siglia, Tatiana, Thaís e Thaynan.**

Quem participaram do **Projeto de Contribuição Coletiva**, lançado em meu website ([www.danielihautequest.com.br](http://www.danielihautequest.com.br)).

MUITO obrigada pelo importantíssimo apoio e maravilhoso carinho para com meu trabalho.

Um agradecimento especial à minha esposa, *Priscilla Nunes Hautequest*, cuja presença é essencial à minha arte. Minha parceira e incentivadora. Inspiração.

A tod@s @s leitor@s, espero que gostem desta edição especial de **Números & Sentimentos**.

# CAPÍTULO 1

**T**ODA VEZ QUE OLHAVA PARA HORIOS E SEUS TRINTA E cinco andares, ela era tomada pelo mesmo deslumbramento. A jovem sabia existirem construções mais altas na área, mas o prédio a cativava pela beleza da fachada clássica e imponência de sua construção robusta. Além de ter um importante significado em sua vida.

No entanto, não convinha no momento ficar sonhando acordada. Era hora de tornar seu grande sonho real.

E ela estava quase atrasada!

Em passos firmes passou pela porta de vidro da entrada, o som de seus saltos, em coro com os de tantos outros que transitavam por ali, sempre apressados.

— Bom dia! Sou Christine Enstorial, nova consultora do setor contábil — apresentou-se à atendente, nada simpática, em um balcão no centro do saguão. O inglês polido, calcado em anos

de educação em uma fina — chata e aristocrática — escola inglesa, saindo tremido, tamanha a ansiedade.

Depois de ver a documentação de Christine, ligar para verificar a informação e dar algumas instruções, a sisuda senhora chamou um rapaz, Willian Cooper, para apresentar-lhe rapidamente ao prédio; em destaque o trigésimo terceiro andar, onde ficava o seu setor. Lá, ela seria remanejada para Alice Clonelyn, diretora de contabilidade da empresa, quem seria a responsável por delegar-lhe suas funções.

Christine adentrou o elevador com Willian e sentia seus nervos se exaltando a cada segundo. Procurou distrair-se respondendo educadamente às tentativas de conversa do rapaz, enquanto analisou, pela milionésima vez, sua aparência no polido interior do cubículo. Os cabelos longos e loiros acinzentados estavam alinhados, assim como o seu terninho preto de corte moderno sobre uma delicada blusa terra. Sem dúvida, um harmonioso conjunto que combinava perfeitamente com seu tom de pele clara.

Contudo, Christine ainda sentia-se um tanto quanto intimidada.

Toda sua etapa de seleção à vaga foi feita através de um escritório afiliado. Era difícil acreditar que finalmente estava andan-

do pelos corredores da sede da Dokimos, prestigiada firma de consultoria da Inglaterra, uma das mais conceituadas do mundo.

Christine forçou um sorriso a Willian ante um comentário, ao mesmo tempo em que observava com seus belos — e bastante apreensivos — olhos azuis esverdeados o andar que o rapaz mostrava.

E assim, os dois seguiram sua pequena excursão pelo prédio. Willian foi gentil e animador, e por cada piso que passavam, Christine notou aliviada que seu nervosismo parecia ir se dissipando, à medida que ficava cada vez mais encantada com o requinte da empresa.

Ao chegarem ao trigésimo terceiro andar, Christine respirou profundamente, preparando-se para a abertura das portas. Aparentemente, o setor contábil ocupava todo o piso.

O encanto de Christine era tal, que sua apreensão fora substituída por crescente excitação.

Olhou entusiasmadamente para os lados, não deixando nada escapar de sua atenção crítica. Janelas altas e espelhadas revestiam as paredes grandiosas e bem elaboradas. Centrais de trabalho estavam primorosamente divididas pelo enorme salão.

A profusão de sons telefônicos e pessoas em plena atividade tomaram os sentidos, e, estranhamente, reconfortaram a jovem. O caos organizado soava-lhe como uma melodia familiar.

— Christine Enstorial, esta é Anne O’Neal. Secretária chefe do setor, e encarregada de passar as pautas à secretária-geral do setor administrativo — Willian apresentou-lhe uma mulher sorridente, de mais ou menos uns sessenta anos.

— Olá, Christine! Bem-vinda à Dokimos. Espero que sua estada conosco possa ser longa e mutuamente benéfica — a senhora deu um sorriso simpático.

— Obrigada! Espero poder contar com sua ajuda nesse meu começo — a jovem sorria cordialmente, tentando passar confiança.

— Claro, querida, será um prazer. Willian, você pode deixar Christine comigo. Senhorita Alice está em uma reunião e pediu que eu cuidasse de nossa nova amiga até sua volta.

— Claro, Anne. Christine, qualquer coisa, sabe onde me encontrar. Espero que possamos tomar um café, qualquer dia desses.

— Claro. Obrigada.

Anne sorriu discretamente. Pelo visto, a menina já tinha um admirador. Só esperava que não fosse um problema. No en-



tanto, a jovem se portara muito bem. Educada, mas em nada incentivando os gracejos do rapaz. Seria ótimo se mantivesse tal conduta. Não que fosse contra relacionamentos entre colegas, mas alguns, não sabiam separar os ambientes.

— Christine, irei lhe apresentar rapidamente ao pessoal. Acho que assim pula aquela coisa chata de, a cada cinco minutos, um monte de gente perturbá-la, para saber o que faz aqui.

A jovem deu uma risadinha junto de Anne.

— Concordo. Obrigada.

Christine se punha um tanto quanto nervosa novamente. Afinal, seriam pessoas com as quais lidaria diariamente, algumas mais, outras menos. Porém, uma convivência tranquila garantiria, também, melhores resultados no seu trabalho. Christine sabia que, embora a apresentação, as abordagens curiosas aconteceriam no decorrer dos primeiros dias. Ao menos, ficariam mais discretas e espaçadas. Quanto a possíveis avanços masculinos, seria educada e evasiva, como sempre.

— Por aqui — Anne conduziu Christine até o centro do salão. — Por favor, quero lhes apresentar nossa nova funcionária — convocou em um tom alto.

Vários colegas esticaram os pescoços por suas mesas e outros deram uma pequena pausa nas tarefas para prestarem atenção.

— Esta é Christine Enstorial, nossa nova consultora. Espero que possam ser gentis e aos poucos irem mostrando o local e ajudá-la no que for necessário.

Terminado o anúncio, a maioria deu um cumprimento rápido, seja de cabeça, ou sorrisos de acolhimento. Em seguida, o local voltou ao seu normal. Já Anne foi explicar algumas coisas a mais à recém-chegada.

— Onde está Alice? Não é ela quem apresenta os novatos?

— Hu-hum... Está em reunião com a diretoria...

— Ah, sim... Bem interessante a moça, não? Novinha, já consultora. Vou lá “discretamente” saber mais.

— À vontade, Carolline. Ao contrário de você, tenho muito que fazer. Além do mais, estaremos trabalhando “juntas”. Ela que venha até mim, depois — a outra mulher disse seca, girou nos saltos e rumou de volta à sua sala.

Carolline não conteve um bufo e um sorriso. A amiga estava em um de seus humores terríveis. O mais ridículo era que Carolline adorava, achava até divertido.



— Bertha, onde estão Anne e Christine?

— Anne foi pegar uns papéis no setor administrativo. Já a mocinha nova, parece que está na copa — a consultora veterana respondeu em um tom de mofa, sem retirar os olhos do livro contábil que rabiscava.

Alice a encarou e elevou uma sobrancelha rapidamente, para então dizer um “certo” e dirigir-se até o local indicado. Pelo caminho, tremulou negativamente a cabeça e sorriu. Ao que parecia, sua volátil amiga já estava demarcando território.

Bertha era um enigma.

O que tinha de interessante e competente equivalia em distanciamento e impaciência para lidar com as pessoas. Sempre foi melhor com números. Porém, em situações de trabalho, ela era polidamente educada e participativa, e quando necessário Bertha Holmes sabia ser extremamente envolvente.

— Christine, você está aqui? — Alice perguntou da porta, investigando o cômodo.

— Sim, pois não? — a jovem consultora respondeu meio atrapalhada com seu café, vinda da porta em anexo.

— Sou Alice Clonelyn, diretora do setor contábil. Desculpe pela demora, estava presa em uma reunião — estendeu uma das mãos, com um sorriso receptivo.

Como se Christine não a reconhecesse. Embora não tivesse tratado diretamente com ela para o preenchimento da vaga, Christine sabia praticamente tudo sobre a Dokimos, especialmente o setor contábil e sua diretora.

A bela e jovem Alice Clonelyn era um fenômeno. Aos trinta e um anos, já fazia parte do alto escalão da Dokimos, além de suas teses serem muitíssimo famosas e respeitadas no meio. Era o tipo de pessoa que conseguia detectar os buracos nos números de uma empresa apenas em um vislumbre. Quando podia esmiuçar os agravantes, era capaz de apontar minuciosamente as falhas e ditar soluções. Não foram poucas as companhias que a famosa equipe de Alice Clonelyn conseguira salvar. Christine iria trabalhar com ela. Ainda era surreal.

Alice estudou à jovem atentamente, enquanto esperava que parasse de fitá-la e fizesse algum movimento.

— Oh, desculpe! Christine Enstorial, é um prazer poder enfim conhecê-la — a consultora soltou finalmente, tocando-se de sua indiscrição, devolvendo o aperto, de maneira desajeitada.

— Dia difícil, não? — Alice indagou com um sorrisinho, achando extremamente adorável seu belo rosto corado.

— Um pouco...

— É compreensível. A Dokimos é realmente impressionante — Alice afirmou orgulhosa. Então deu um sorriso maroto. — No meu primeiro dia aqui, eu estava subindo pelas paredes, de tão nervosa — informou exagerada.

Christine deu uma risadinha, ficando visivelmente mais relaxada.

— Certo, agora vamos até meu escritório. Preciso lhe passar os procedimentos e as suas funções.

— Pois não, senhorita Alice — o tom de Christine era todo negócios.

— Somente Alice, por favor. Deixemos a formalidade, apenas, para as reuniões com a diretoria ou diante de nossos clientes.

Christine concordou com um aceno e a seguiu. Alice levou-as até a sala anexa à sua, que era dividida em duas salas menores, pertencentes às consultoras.

A diretora contábil bateu em uma das portas e foram convidadas a entrar.

— Apenas o tour básico — tinha um sorriso jocoso. — Já se conheceram, não? — Alice questionou à Berta, quem sentava majestosamente em sua cadeira.

— Já tivemos o prazer — a consultora mais velha respondeu com um sorriso ensaiado.

— Ótimo. O quanto antes nos familiarizarmos com nossa nova “equipe”, melhor — Alice cutucou.

Bertha entendeu o recado. Seus olhos azuis-claros brilhavam, assim como o falso sorriso.

— Concordo — seu tom saiu extremamente doce.

Alice conteve o desejo de revirar os olhos.

Em seguida, chamou por Christine, levando-a consigo até sua sala. Lá, falaram a respeito dos encargos e demais trâmites do setor.

Alice conduziu a conversa em um ritmo descontraído e bastante didático, possibilitando um clima cordial e leve. Christine ficou aliviada e mais tranquila, uma vez que sua superior se mostrou bastante afável. Embora sua admiração pela mulher, uma chefe intragável logo de cara teria sido um suplício. Já bastava a tal de Bertha.

De seu lado, Alice ficou satisfeita em ver que todas as recomendações dadas a respeito da moça eram verídicas, além de uma pessoa extremamente agradável. Christine absorveu as explicações de maneira louvável, suas perguntas, bastante eloquentes.

Alice só esperava que ela fosse forte o suficiente para aguentar toda a pressão.



— Entre.

— Com licença, Bertha — Christine disse da porta entreaberta. — Por favor, onde posso encontrar os gráficos da Conta Preston do mês passado? Preciso fazer um relatório, mas não os acho em lugar nenhum.

— Ora, a “menina-prodígio” precisando de ajuda? — a outra questionou ironicamente, espantando Christine ante a rudeza descarada.

Mas a jovem logo se recuperou.

Deu de ombros.

— Às vezes acontece — seu sorriso era forçadamente diplomático. — Os relatórios, por favor?

Bertha somente arqueou uma sobrancelha ante o fel.

— Devem estar com Anne, quem há pouco levou uma papelada até o setor financeiro para um balanço. Logo ela deve estar de volta.

— Obrigada... — Christine agradeceu sem emoção, deu meia-volta e saiu rumo à sua sala.

Deu de ombros mentalmente.

Não seria Bertha quem estragaria o seu dia. Christine enfim estava na Dokimos. Nada ofuscaria sua conquista. Àquilo, novamente sentia-se tão feliz, que teve que segurar-se para não sair saltitando, feito criança, pelos corredores.

Pensou no que Bertha acharia à cena e teve que reprimir uma risada.



## CAPÍTULO 2

**C**HRYSTINE DEU UM DEMORADO BOCEJO AO SAIR do elevador pertencente ao pequeno prédio no subúrbio de Londres, onde morava. O primeiro dia no novo emprego havia sido corrido e emocionalmente agitado. Toda a excitação e energia por estar na Dokimos, enfim, cobravam seu preço. Christine estava exausta.

“Hum... Parece que teremos novos vizinhos” — um dos apartamentos de frente ao seu estava com algumas caixas na entrada.

— Com licença! — foi o pedido feito atrás de Christine, quem, no susto, pulou para o lado, dando passagem.

— Desculpe! Precisa de ajuda? — foi rápida em oferecer.

— Não sendo incômodo, por favor. Essas coisas estão desequilibrando e logo vão ao chão! — respondeu a voz, nitidamente abafada pelas caixas.

— Pronto, fico com essas duas — Christine apanhou a carga.

— Obrigada — agradeceu uma simpática moça, afinal visível sem o paredão de papelão. — Aqui, por favor — pediu andando na frente de Christine, mostrando onde deveriam ser colocadas as coisas.

Christine voltou com ela ao corredor e pegaram o restante das caixas. Com a tarefa concluída, a moça olhou-a com admiração genuína.

A jovem consultora também gostava do que via.  
Seu *gaydar* apitava horrores!

— Christine Enstorial — ofereceu a mão.

— Hellen Zammin — a moça deu-lhe um aperto rápido e firme. — Obrigada pela ajuda — sorriu abertamente.

“E tem um lindo sorriso, também” — Christine somou mentalmente. — Problema algum. Precisando de algo — apontou com o polegar à entrada de seu apartamento.

— Obrigada. Hoje só trouxe algumas coisas, o grosso da mudança vem depois.

Christine acenou em entendimento, e então colocou a mão sobre a boca, para esconder um novo bocejo.

— Desculpe, o dia foi pesado.

Hellen sorriu.

— Obrigada por ainda ter se dado ao trabalho de me ajudar. Agora vá descansar. Boa noite.

— Boa noite — foi impossível Christine não reparar no traseiro bem marcado pela calça esportiva cinza, antes de a porta fechar atrás de Hellen.

“Perigosa!” — seu cérebro alertou e decidiu ouvi-lo.

Suspirou, chateada.

Christine ainda não estava pronta e nem teria tempo de envolver-se com ninguém. Além disto, um caso com uma vizinha não seria nada inteligente. Fora que nem sabia se a moça era solteira!

Então sorriu.

Deveriam ter quase a mesma idade. Talvez enfim pudesse ter uma amiga naquele prédio. Desde que a tia desocupou e ofereceu-o à Christine, três meses atrás, sua convivência nele era bastante solitária. Em parte, por Christine estar focada em sua vida profissional, mas também, por ali ser uma construção antiga, os moradores, em sua maioria, pessoas que envelheceram junto ao local.

Depois de um terceiro bocejo e os olhos lacrimejarem terrivelmente, Christine entrou em casa louca por um banho, um pequeno lanche e sua cama quentinha.



Ao chegar a seu apartamento, Alice deu um chute nos sapatos, retirou as vestes e rumou para um banho rápido. Quinze minutos depois, limpa e perfumada, passou a procurar por algo no armário. Após uma breve hesitação, escolheu usar uma calça bege, camisa meia manga de algodão em marrom pastel e uma sandália de couro branca.

Já vestida, a diretora contábil colocou-se a pentear meticulosamente os cabelos cor de trigo, até estarem brilhantes numa cascata lisa abaixo de seus ombros. Deu um sorriso apreciativo ante sua imagem no espelho. As cores e leveza das roupas avivaram sua tez clara e olhos verdes jade. Satisfeita com o resultado, ela se dirigiu à cozinha para começar a preparar o jantar.

Depois de alguns minutos, uma boa porção de massa estava pronta e em espera, enquanto Alice terminava de temperar o molho vermelho borbulhante. Sabendo do gosto por comida bem condimentada de sua companhia, proveu o sabor tão peculiar ao caldo.

Ouvia distraída a uma suave melodia ao esperar o molho enxugar, quando escutou o som vibrante da campainha.

Alice desligou o fogo e correu imediatamente para abrir a porta.

Sorriu feliz à visita.

Em seguida, seus olhos apreciativos esquadrinharam a armação alta e esbelta. Pernas longas e quadris enxutos preenchiam formosamente uma calça de tecido preto. A blusa creme com um tentador decote elogiava os seios generosos e braços firmes, que a mulher mais jovem, com um suspiro imperceptível, lembrou-se de como reconfortantes poderiam ser ao abraçá-la.

Sua inspeção continuou até pousar em um rosto moreno extremamente belo e marcante. Os cabelos lisos e negros — na altura dos ombros — ainda estavam úmidos do banho, intensificando o par de olhos azuis pálidos num exótico contexto.

Alice só se tocou de sua benevolência, quando finalmente chegou à boca, torta em um escárnio brincalhão.

Dando um sorrisinho, e sem ainda dizer uma palavra, Alice pegou uma de suas mãos e puxou a mulher para dentro. A porta emitiu um baque abafado ao ser fechada, quando os corpos, unidos por bocas e braços, bateram contra ela.



— Como foi com a moça nova? — a morena perguntou, depois de engolir seu último bocado de massa.

Alice limpou a boca com o guardanapo e tomou um gole de vinho, findando também sua refeição.

— Fiquei animada. Christine demonstrou talento além de suas indicações.

— Que maravilha.

— Verdade. Apesar da pouca idade, ela tem ótima noção prática em administração e contabilidade. Trabalhou por um bom tempo com o pai, em sua empresa pesqueira.

— Com sua assessoria, certamente a menina se mostrará uma excelente aquisição.

Alice sorriu ao elogio.

— Licença — levantou-se e foi até a cozinha, abriu a geladeira e pegou duas taças com pavê de chocolate e arrumou-as em uma bandeja.

— Mas por que trabalhar na Dokimos? Você não disse que ela ajudava o pai em seu próprio negócio? — a outra mulher indagou curiosa, assim que Alice retornou e as serviu.

A loira deu de ombros e acomodou-se em sua cadeira.

— Pelo que entendi, é uma empresa pequena, e Christine não queria ficar presa ao ramo da família. Além disso, os pais moram no Brasil e ela deseja se firmar aqui, terra natal do pai.

— Hum... Interessante... Essa moça apareceu mesmo em boa hora. Estava demorando em conseguir alguém à altura para a vaga de consultora, e depois da situação com Angelina, você andava ainda mais sobrecarregada.

Alice sorriu docemente à preocupação.

— Hu-hum. Mesmo com Bertha também trabalhando horrores, nós duas não estávamos mais dando conta... A saída abrupta de Angelina foi uma surpresa. Confesso que, pelo modo como ela ficou estranhamente submissa ao novo relacionamento, esperava que, uma hora ou outra, Angelina parasse de trabalhar. Mas não de forma tão antiprofissional. Ela nem cumpriu aviso prévio! Poxa, trabalhava na Dokimos há três anos. Ótima assistente contábil, funcionária exemplar. Aí se apaixonou, e nós quem nos ferramos!

— alfinetou descontente.

A morena tinha um bico torto.

— Não entendo mulheres que aceitam serem regidas pelos ou pelas parceiras de tal forma. Acho que as pessoas têm todo o direito de mudar de prioridades, mas que pelo menos, respeitem certos limites. A saída dela, realmente, não foi nada decorosa.

Alice suspirou.

— Embora puta em como ela partiu, isso me preocupa. Foi tão atípico de Angelina... Paro para pensar que tipo de relacionamento é esse...

As duas ficaram um momento em silêncio.

— Bom, mas, pelo menos, uma nova consultora você já tem. Logo o RH deve encontrar uma nova assistente.

Alice acenou em acordo, para em seguida levar uma generosa colherada de pavê à boca.

— Agora, chega de falar de mim — disse depois de engolir, felicitando-se mentalmente, o deleite estava ótimo. — Como foi lá com a reunião “que seria extremamente estressante”?

A outra bufou ao ouvir suas próprias palavras de mais cedo.

À medida que continuaram a dar conta da sobremesa, ela confirmou que fora mesmo um encontro tenso e mais longo do que gostaria. Entretanto, obteve progresso nas negociações. Alice ficou contente e felicitou-a entusiasticamente, pedindo mais detalhes, os quais foram entregues com prazer.

A mulher mais velha adorava tal atenção sincera. Em como os belos olhos verdes de Alice brilhavam ao fitarem os seus, ou ao seguirem os movimentos de seus lábios.



Depois que terminaram o pavê, o casal colocou a louça na máquina e foi para a sala de estar.

Alice apagou as luzes e acendeu apenas dois delicados abajures em cada canto do cômodo, engolfando o ambiente em uma suave penumbra.

Ao passo que sua companhia acomodou-se no espaçoso e aconchegante sofá, Alice colocou uma música celta — um gosto compartilhado — e foi então se aninhar com sua mulher.

A outra a enlaçou pela cintura, trazendo-a para deitar de costas por entre suas pernas, oferecendo-lhe os seios como deliciosos travesseiros.

Por algum tempo, ficaram em um sossego deleitoso, aproveitando o calor do contato e a música calmante. Ambas adoravam tais momentos quando, mesmo sem uma palavra, conseguiam expressar sua intimidade e o prazer da companhia.

No entanto, apesar de o clima estar maravilhoso, Alice tinha outras ideias de como gostaria de terminar a noite.

Virou um pouco no enlace, ficando meio de lado, deitou a cabeça no ombro de sua amante e beijou seu pescoço.

Ouviu seu suspiro. Sorriu.

Olhos verdes encontraram com encantadores azuis, e nelas, Alice viu a mudança de tranquilidade para algo consanguíneo,

que mexeu com os seus sentimentos e revirou o seu coração. Carinhosa, contornou o queixo da mulher mais velha com as pontas dos dedos, enquanto vagarosamente inclinou-se, parando a pouco de um toque de lábios, mas ainda assim, sem deixar de fitá-la nos olhos.

— Alice... — a outra proferiu reverentemente em um susurro rouco.

A mulher mais jovem capturou com a sua a boca que luxuriosamente a convidava, iniciando, então, um beijo profundo e demorado.



— Obrigada por me deixar ficar aqui esses dias — Carolline disse ante a porta do apartamento da amiga, o seu tom saindo meloso, e a sua face, tomada de um ensaiado ar angelical.

Bertha bufou e revirou os olhos às suas artimanhas.

— Não seja ridícula, Carolline! — altercou, fechando a porta após a outra entrar. Então, arqueou uma sobrancelha fina e meticulosamente desenhada. — Se bem que começo a duvidar se minha benevolência foi segura... Você vai mesmo ficar uns dias, ou morar aqui de vez? — cutucou, vendo a amiga se atrapalhando

com duas malas enormes, além da mochila que lhe pesava as costas.

— Hahaha! Em vez de demonstrar seu maravilhoso senso hospitaleiro, poderia me ajudar, não?

A outra deu um sorriso coquete.

— Mais?

— Bertha...?

A morena bufou e pegou a alça de uma das malas, arqueando as sobrancelhas à total falta de coordenação de amiga.

— Jesus, Carolline! Elas têm rodinhas! Você está atropelando meus móveis, e olha que temos espaço. Ainda bem que não ousou tirar carta de motorista! — cutucou mais, puxando a mala para o corredor, a fim de levá-la ao quarto extra.

— Nossa, estamos piadistas hoje, hum?

Bertha grunhiu, mas sorria maliciosamente.

— Você estava um nojo, mais cedo. Todo esse humor refrescantemente maldoso é por ter feito o primeiro dia da novata um inferno?

— De onde tirou isso? — o tom de Bertha saiu extremamente sonso.

— Um passarinho me contou... — Caroline afirmou, após colocarem as coisas num canto do quarto, e ela deixar o corpo cair sentado sobre a cama.

Poderiam dizer o que quisessem de Bertha Holmes, mas não que a mulher não soubesse decorar uma casa, ou que não tivesse ótimo gosto para roupa de cama!

Bertha franziu o cenho e automaticamente pôs as mãos na cintura.

— A menina ficou choramingando pelos cantos? — indagou meio que acusando, olhando Caroline, com olhos apertados, querendo a verdade.

A mulher mais jovem sorriu. Bertha ficava ótima quando contrariada.

— Não. Ela foi um doce. Foi Anne quem comentou comigo. Ouviu uma, das muitas patadas, que você deu na pobre.

Bertha revirou os olhos.

— Nossa, “doce” e “pobre”, em uma única oração? Tanto açúcar pode te fazer mal, Caroline!

— Ciúmes? — a outra tinha um sorrisinho presunçoso.

— Não seja ridícula! E quanto à fofoca, eu deveria saber... Anne não consegue se conter, não é mesmo?

— Se você não estivesse pegando tão pesado, talvez ela não tivesse tanta munição...

Bertha sorriu sarcasticamente.

— Não estou, acredite. Alice deixou bem claro que é para nossa “equipe” se dar bem. Porém, isso não quer dizer que vou ficar entregando as coisas em uma bandeja para a menina. Pode ter todo um currículo, mas só irei me convencer de que ela é realmente metade disso, vendo.

Os olhos de Caroline cintilavam, divertidos.

— Pior que vou querer assistir a provação de camarote!

O sorriso de Bertha era maroto.

— E eu não sei?

Seus olhos amoleceram.

— Vamos pedir logo algo para comer. Estou morrendo de fome. Você demorou.

Caroline jurava que viu um ligeiro beicinho.

— Desculpe, mas o senhorio ficou dissertando, mais uma vez, sobre a obra. Pelo horário, pensei que você já teria comido alguma coisa.

A resposta de Bertha foi um resmungo, girar e rumar de volta à sala.

Caroline sorriu docemente e levantou-se num salto.



— Já vou! — Christine gritou ao ouvir a campainha. Saiu da cama apressada e colocou sobre o baby-doll um roupão carmim florido.

À entrada do apartamento, após investigar pelo olho mágico, abriu a porta.

— Desculpe chamar a essa hora — Hellen estava sem graça. A moça que abraçava sua cintura, também sem jeito. — Não estava dormindo, estava? — torceu os lábios em uma careta apreensiva, ao ver suas vestes. Seria uma ótima impressão!

Christine sorriu.

— Não, estava vendo TV.

Hellen acenou, aliviada.

— Esta é Anette — apresentou a moça loira de cabelos assimétricos e curtos, baixa, esguia e sorridente, e quem, assim como Hellen, parecia ter bebido um tanto quanto demais.

— Prazer, Christine — deram um aperto de mãos rápido.  
— Entrem.

— Não, não! Não queremos incomodar mais. Só queria saber se você tem um saca-rolha para me emprestar. Ane fez o favor de quebrar o meu — Hellen contou com uma falsa carranca.

Christine riu.

— Claro. Já volto — foi rapidamente à cozinha. — Aqui.

Hellen pegou o objeto de sua mão e corou ligeiramente quando seus dedos se tocaram. Além de atraente, sua vizinha era muito simpática.

— Obrigada. Amanhã devolvo. Melhor, não quer ir comemorar com a gente? Estamos celebrando minha mudança. Está tudo bagunçado ainda, mas se não se importar, é mais que bem-vinda. Tem vinho...

— E pizza — Anette completou sorrindo, deixando claro que estava tudo bem.

Christine riu, mais uma vez.

— Dupla campeã! Agradeço muito, meninas, mas eu não posso. Preciso ir dormir cedo. Primeiros dias no trabalho novo, e sabem como é, tenho que estar mentalmente impecável. Sou fraca para bebida, então...

— Uma pena. Podemos marcar algo numa outra ocasião — Anette sugeriu, não conseguindo evitar os olhos das coxas parcialmente expostas pelo roupão.

— Claro. Será um prazer. Depois combinamos — Christine assegurou sincera.

— Certo. Agora vamos deixar você em paz — Hellen disse com um sorriso jocoso, puxando mais Anette contra seu corpo, levando-as adiante para o corredor. Deu um boa noite junto da mulher menor, e entraram em seu apartamento.

Christine fechou a porta do seu, com um suspiro.

“Bom, duas de minhas perguntas respondidas: a menina é realmente do meio, e pelo visto, tem alguém. Só não senti muita firmeza...”

Deu de ombros, para em seguida, abafar um bocejo.

— Hora de deitar... — disse ao apartamento em um tom carregado. Pela primeira vez, em muito tempo, a solidão imposta pesando amargamente.



## CAPÍTULO 3

COM PRESSA DE CHEGAR CEDO AO TRABALHO E

preparar-se psicologicamente à típica pressão para com os novatos e à chata marcação de Bertha, Christine resolveu ter seu desjejum em um pequeno café, próximo a seu apartamento. Não era raro de a jovem consultora valer-se da comodidade na modesta, mas bem abastecida, Panificadora da Nonna Carmelita. A simpática senhora italiana a mimava com os maiores quitutes!

Depois de devorar a refeição e das despedidas amáveis para com o pessoal do estabelecimento, na calçada, Christine estremeceu e puxou a gola de seu casaco, tentando proteger melhor o pescoço contra o vento gelado. Olhou para o céu escuro. Os meteorologistas acertaram, daquela vez. Uma frente fria pairava sobre Londres, e, além da brusca queda de temperatura, parecia que logo iria chover. Não querendo ser pega pelo temporal, Christine apressou o passo, enquanto sua mente vagou por um instante.

Não resistiu a um pequeno sorriso.

Esperava que sua gentileza fosse bem-vinda.



— Por tudo que é sagrado, me diz que você já está a caminho! — Alice irrompeu, assim que Christine atendeu ao celular.

A jovem consultora havia acabado de deixar o metrô.

— Na verdade, estou há alguns metros da Dokimos. Saí mais cedo de casa.

— Graças a Deus! Temos uma emergência. Venha direto para minha sala. Bertha mora perto e já está aqui.

Christine bufou mentalmente, enquanto rodava os olhos. Claro que Bertha ia ganhar essa!

— Entendido — assentiu, cortando a ligação, seus saltos fazendo um barulho mais proeminente à medida que a velocidade de seus pés aumentava.

Devido ao tempo ruim, Christine não teve muito trabalho para desviar-se da menor quantidade de transeuntes, e logo chegava à entrada da Dokimos. Foi atravessar a porta, que ouviu o guarda-chuva cair.

Suspirou, os seus ombros relaxando um pouco em alívio. Pelo menos, uma pequena sorte.

Depois de passar pela tranca de identificação, pegar o elevador, descer no seu andar e cumprimentos apressados, Christine seguiu direto para encontrar Alice.

— Por favor, sente-se — a diretora contábil disse com uma face tensa, assim que Christine bateu à porta e adentrou na sala.

A jovem meneou em acordo e tomou lugar ao lado de Bertha, quem polidamente também havia respondido ao seu bom dia esfalfado.

— A situação é a seguinte, de madrugada fui comunicada que Josh Willians, responsável contábil de nossa filial americana em Nova York, sofreu um grave acidente de carro. Tristemente, resultou em óbito.

Alice deu um tempo para que suas consultoras absorvessem a notícia.

— Seria esperado que devido à perda do rapaz, as coisas complicassem um pouco. Como já estava acordada, me adiantei e baixei as informações de nosso servidor. Ao verificar o que precisaríamos fazer ao tomar sua parte no projeto, vi que vários documentos estavam em desalinho — a diretora tinha lábios franzidos e passou uma mão pelos cabelos, num gesto nervoso. — O infortúnio de Josh e essa infeliz surpresa atrasarão tudo. Como sabem,

temos uma reunião marcada para daqui dois dias com a diretoria, a fim de apresentar esse projeto.

As consultoras acenaram em acordo, com feições preocupadas.

— Falei há pouco com Dona Elizabeth e ela nos ofereceu mais algum tempo. Embora feliz ante sua compreensão, disse que só daria a resposta após conversar com minha equipe — Alice as olhava atentamente. — Nos anos que trabalho aqui, nunca pedi um adiamento, e não queria começar agora — seu tom era orgulhoso. Então, torceu os lábios. — Mas para darmos conta de cumprir o prazo, será uma jornada estressante e deveras cansativa. Não levarei por mal, caso achem que será um sacrifício desnecessário. Afinal, a situação não é nossa culpa. O que nos cabia no projeto, está até adiantado.

Alice pausou para que ponderassem. Depois de algum tempo de silêncio, continuou:

— No entanto, caso aceitem seguir adiante, eu não desisto até conseguirmos. A parte mais extenuante da tarefa ficará conosco. Por isso, pensem bem.

— Pode contar comigo — Christine anuiu prontamente. Seria uma maravilhosa oportunidade! Sabia que teriam uma enor-

me dor de cabeça, mas seria uma valiosa chance de aprender e se provar.

— Bertha? — Alice indagou à amiga, quem apenas bufou e deu-lhe um arquear de sobrancelha, achando ridículo ela ainda ter que perguntar. Assim como Alice, Bertha Holmes adorava um desafio. E até parece que deixaria a “menina” ganhar louros, sozinha.

Depois de tudo resolvido com sua equipe direta, Alice comunicou ao restante de seu pessoal as circunstâncias e distribuiu as tarefas. Todos teriam que se sacrificar para que pudessem dar conta do imprevisto. Aceitaram sem reclamações. Afinal, queriam manter a fama de pontualidade e eficiência do setor contábil da *Dokimos Consultancy & Enterprises*. Além do respeito da chefe e da diretoria, as quais exigiam, mas sabiam gratificar muitíssimo bem.



— Tem alguém batendo na porta... — Anette resmungou contra o colchão sem lençol, que deveria ter saído durante a noite.

— Hu-hum... — a outra murmurou, virando-se de lado, com intenção de voltar a dormir.

— Hellen... Vai atender — a loira reclamou, dando uma cutucada para trás com o pé, a fim de alertá-la.

— Tá, tá! — a morena respondeu grogue e irritada. Levantou-se aos trancos, rumo à entrada do apartamento ainda bagunçado. Ajeitou a roupa amarrotada e investigou pelo olho mágico.

Franziu as sobrancelhas.

— Quem é?

— Entrega para a senhorita Hellen.

A jovem franziu as sobrancelhas novamente. Não esperava nada.

— De quem?

— Senhorita Christine Enstorial.

Hellen abriu a porta imediatamente. Foi quando viu a cesta e a bandeja de papelão com dois expressos gigantes.

Depois de assinar a papeleta da entrega e saber que a gorjeta também havia sido paga, Hellen agradeceu ao rapaz e fechou a porta, ainda boba.

Pegou o pequeno bilhete na cesta:

**Para compensar a minha falta ontem. Além do mais, acho que o café vai ajudar.**

**C.E.**

Hellen tinha um sorriso enorme. Colocou a carga no chão e pegou um dos cafés. Abriu a tampa e cheirou profundamente o aroma do interior do copo. Embora a bebida ainda fumegante, deu três longas goladas e suspirou satisfeita, totalmente desperta.

— Agora sim! — gracejou, apanhou as coisas e levou para a cozinha.



— Hum... Esse croissant está maravilhoso! — Anette alegrou de boca cheia.

Hellen acenou em acordo, depois engoliu a sua bocada e tomou um pouco de café.

— É da padaria aqui perto — a loira indicou com a cabeça à caixa com os deleites, onde havia o nome do estabelecimento. — Bom saber que você não vai morrer de fome!

As duas riram.

— Mas me diz, quando vai fazer o movimento?

— Hum...?

Anette bufou.

— Larga de ser sonsa!

A morena não respondeu.

— Hellennnn...!

— Não vai acontecer...

Anette olhou-a, intrigada.

— A moça é uma graça, gostosa, prestativa e mora logo ali — apontou para trás com o polegar, em direção ao corredor. — A situação perfeita!

— Nem sabemos se gosta da nossa fruta...

Anette deu um risinho sardônico.

— Isso nunca foi problema para você! — estreitou os olhos. — Quero o real motivo — exigiu, olhando-a fixamente. — Pensa que não percebi o que você fez? Eu estava bêbada, mas nem tanto, querida.

Hellen suspirou.

Não adiantaria ficar dando voltas. Anette poderia ser irritantemente insistente, quando queria. Fora que a conhecia bem demais, para saber onde cutucar.

Hellen suspirou mais uma vez.

— Quero um recomeço... E não posso repetir certos erros, Ane... Como você disse, Christine parece ser uma pessoa legal demais... Pra eu ferrar com a vida dela...

Foi a vez de Anette suspirar profundamente. Não tiraria sua razão.



Então, deu um sorriso doce e colocou uma mão carinhosa na coxa de Hellen.

— Entendo, querida... Mas que bom que ela é o tipo de pessoa que daria uma ótima amiga. Parece aberta a isso, olhe como foi gentil.

— Anette...

— Não, Hellen. Você vai precisar... Logo estarei partindo...

A outra não respondeu, evitava o seu olhar.

Anette suspirou.

— Promete que pelo menos vai tentar. Não quero ficar ainda mais preocupada com você...

Ainda sem resposta.

— Por favor, Hellen...

A morena suspirou e assentiu com a cabeça.

Fizeram o restante da refeição, em silêncio.



— Está tudo bem, Christine? — Alice notou o olhar apreensivo de sua consultora e as caretas descontentes da moça ao analisar alguns papéis.

— Achei mais um documento pela metade. À primeira vista, parece normal, mas o olhando minuciosamente, verifica-se que alguns prospectos estão faltando.

Bertha levantou-se e investigou abaixo, ao seu lado. Após passar um olho nos papéis, meneou em acordo.

— Ela tem razão. Isso só reforça a nossa teoria sobre problemas com o arquivamento.

Alice suspirou, contrariada. Àquela altura, seus nervos já estavam perto do limite.

— Algo assim deveria ter sido informado a mim antes! — afirmou azeda.

Christine torceu os lábios.

— Acho que Josh pretendia acertar a papelada antes que você visse. Como cada equipe trabalhava de maneira independente, poderia fazer isso, sem que você ficasse sabendo da confusão...

— Mas por causa do acidente, as coisas saíram do controle — Bertha somou.

— Uma auditoria precisará ser feita. O encarregado seguinte a ele deveria ter nos alertado.

— Lealdade para com o chefe — Bertha apontou em tom de mofa.

— Provavelmente... E isso nos prejudicou ainda mais. Bom, mas esse assunto fica para depois. No momento, a prioridade é darmos conta de nossa tarefa. O pessoal está conseguindo fazer a parte deles, porém, achar esse tipo de lapso de agora pouco, fica ao nosso critério. Do jeito que a coisa vai, nossa equipe de apoio deve nos dar todos os documentos arquivados no prazo. Entretanto, ainda teremos que revisar e corrigir tudo.

— Se continuarmos nesse pique, terminaremos isso quase pela manhã — Christine comentou resignada.

Bertha suspirou.

— Preciso de mais café...

— Desejo atendido — Carolline Matthews disse com um sorriso, entrando na sala de reuniões do setor. O local fora transformado em quartel de operações, por ser mais amplo, e suas cadeiras, mais confortáveis.

Carolline depositou sobre a mesa de vidro temperado uma bandeja abastecida com grandes copos de café e várias sacolas de papel.

— Além da bebida, trouxe um lanche.

Três vozes femininas saudaram-na entusiasticamente.

— Não era para você ter ido embora? — Bertha indagou, após um gole de seu café e mordida no taco soft.

— Sei que não é o meu setor, mas gostaria de poder ajudar —  
— Caroline olhou da amiga para Alice. — Nem que seja para me certificar que essa aqui — apontou com o polegar para Bertha — não vai ficar ainda mais chata por falta de caféina e alimento.

Alice riu abertamente e Christine não resistiu a um bufo escarnecido.

A jovem consultora compreendia que estava longe de cair nas graças de Bertha Holmes, mas sabia, igualmente, que com o plantão, mostrava a ela que era mais que um currículo ambulante.

Não que Christine precisasse da aprovação da consultora mais velha, mas admitia que visse nela alguém a quem também se espelhar. A mulher poderia ser difícil, mas sua competência era muitíssimo respeitada.

Bertha nem se deu ao trabalho de rebater, entretida demais com seu lanche para importar-se com uma brincadeira irrisória. Ainda perguntava-se por que aturava Caroline. Olhou acima à amiga, quem a assistia com olhos cor de mel divertidos, mas doces, nitidamente satisfeita por vê-la alimentando-se, depois de tanto tempo.

O coração de Bertha deu um salto. A mulher engoliu um pedaço do taco em seco.

Resposta convincentemente perturbadora.

## CAPÍTULO 4

**E**RA QUASE CINCO DA MANHÃ QUANDO ALICE E SUAS

consultoras, acompanhadas de Carolline, deixaram o prédio da Dokimos. Enfim haviam conseguido dar conta de mais uma etapa do trabalho. A montagem e ensaio da apresentação do projeto à diretoria ficaram para mais tarde. Por elas estarem saindo em tal horário, e não querendo que o cansaço comprometesse o raciocínio, Alice marcou com suas companheiras a retomada da tarefa no expediente da tarde, após o almoço.

Mesmo não morando distante da Dokimos, por conta da urgência do chamado de Alice, Bertha fora para o trabalho de carro. Como Carolline estava ficando com a amiga aqueles dias, partiram juntas. Já Alice, insistiu em levar Christine em casa.

— Você é má — Carolline declarou de repente, após colocar o cinto de segurança do *Corolla*. O assunto vinha corroendo-a por horas. Foi um alívio, finalmente a sós, poder falar abertamente. — Dessa vez, você se superou!

Bertha, entretida em manobrar o carro, apenas olhou-a ligeiramente como se a amiga fosse louca, voltando sua atenção à condução do veículo. Saiu do estacionamento da empresa e pegou a rua, para somente então responder:

— Carolline, sei que você é estranha e vive dizendo coisas sem noção. Mas daria para ser mais específica, dessa vez? Meu cérebro é privilegiado, mas creio que o pobre foi castigado nas últimas horas — o tom foi sarcástico, embora rouco e fraco diante do extremo cansaço.

Carolline gostou. Mostrava uma vulnerabilidade que a amiga fazia questão de esconder.

— Christine, Bertha. A pobre merecia uma medalha.

A outra bufou.

— Certo. Sou obrigada a admitir... A menina não é tão ruim. Mas... Medalha? Você não estaria exagerando?

Carolline poderia ter continuado com a brincadeira por um bom tempo, mas estava exausta demais para os joguinhos de Bertha Holmes. Foi direto ao ponto:

— As armadilhas. Se contei corretamente, por cinco vezes que você montou algo nos documentos, para ver se Christine notava e como ela lidaria com isso.

Bertha parou o carro em frente à garagem do prédio, e após o porteiro abri-la, levou o veículo para dentro.

— Foram doze — contou desinteressada. Parou o carro em sua vaga, rapidamente desatou o cinto, pegou suas coisas e saiu.

Carolline somente balançou a cabeça negativamente junto a um sorriso sardônico. Imitou os gestos da amiga e seguiram em silêncio até o elevador.

— Só não entendo uma coisa — Carolline disse, assim que elas começaram a subir os andares. — Por que Alice deixou isso acontecer? Se eu percebi, claro que ela também notou. Talvez Alice não quisesse um clima carregado, que atrapalhasse o andamento do trabalho. Mas acho que você foi longe demais... — Carolline pausou e olhou para Bertha, surpresa. — Só se...

O sorriso maldoso da outra foi sua resposta.

O elevador parou e Bertha saiu apressadamente, com Carolline a seguindo, também ligeira.

— Bertha-

— No corredor, não — a mulher mais velha cortou a outra, pegou suas chaves e abriu a porta.

Assim que estavam no apartamento, Bertha virou-se para Carolline, em seu rosto, o típico sorriso vitorioso.

— Sim, o seu cérebro esperto juntou as peças. Alice foi conivente.

— Por quê? Coitada da Christine! Justo numa situação dessas? A pobre era a que estava mais acabada. Não é para menos!

Bertha sorriu de lado.

— Foi o momento perfeito.

Carolline torceu os lábios e suspirou. Foi até o sofá e deixou o corpo cair sentado nele, num baque esgotado.

— Elabore, meu “cérebro esperto” já está agonizando.

Bertha sorriu nojentamente e sentou-se ao seu lado, virando-se para ela.

— Você sabe que Alice há tempos vem tentando preencher a segunda vaga da consultoria. Ela teve ótimos candidatos, mas no fim, todos se mostraram, apenas, ótimos currículos, desastres sob pressão. Com essa situação repentina, sugeri um teste para ver como a menina se sai. Se ela não for adequada, não nos toma mais tempo que o necessário, e não há maior desgaste na equipe com sua partida, uma vez que não haverá laços.

— Isso é pesado...

Bertha deu de ombros.

— Claro que Alice a está avaliando na proporção correta. Você a conhece, Alice é toda certinha. É esperado que a garota,



por ser novata, cometa alguns equívocos — Bertha adquiriu uma carranca.

Carolline deu-lhe um sorriso aberto.

— Mas ela não cometeu. Pelo contrário, está sendo uma grande surpresa.

Bertha deu de ombros novamente. Então sorriu maliciosa.

— Ainda tem a preparação e apresentação do projeto à diretoria — balançou as sobrancelhas.

Carolline bufou, divertida.



— Deus... — Christine Enstorial resmungou grogue, após interromper o despertador do relógio de cabeceira.

Com muito custo, a jovem arrastou-se para a cozinha, deu um sonoro bocejo e ligou a cafeteira. A seguir, ainda sonolenta, Christine foi para o banheiro. Depois de um longo banho e uma grande xicara de café, enfim ela se sentia quase humana.

De volta ao quarto, Christine investigou o relógio. Ela tinha tempo suficiente para mudar de roupa com calma e sentar para comer em um lugar decente, em vez de comprar algo de algum carrinho, na rua. Christine não queria almoçar na empresa, ela

só iria até lá no horário para retomar o trabalho. Evitaria um possível estresse antecipado.

A jovem suspirou.

Ela não era boba. Percebera que estava sendo testada. Alice permitiu, e Bertha Holmes estava executando a tarefa com prazer.

Sorriu maliciosamente, ao vestir o casaco.

Christine estava devolvendo com louvor.

Ela sabia que não havia cometido erros, até então. Embora extremamente desgastante Christine entendia o porquê da situação. Conhecia o histórico do problema do preenchimento da vaga. Queriam saber se Christine daria conta.

Ela tinha toda a intenção.



— Ei! Como vai? — Hellen abordou com um sorriso aberto ao voltar da rua, encontrando com Christine no corredor do prédio.

— Na correria. E você? Nada de ressaca?

Hellen bufou.

— Não, graças ao café da manhã. Muito obrigada. Anette pediu que também te agradecesse. Estava uma delícia.

Christine sorriu.

— Fico feliz que tenham gostado.

— Tentei te agradecer ontem à noite, mas você não estava.  
Christine suspirou.

— Tivemos uma emergência e ficamos até de madrugada na empresa. E já estou voltando para lá.

— Anette e eu queríamos te levar para jantar. Agradecer pelo café e simpatia.

— Não precisa!

Hellen sorriu de lado.

— Certo. Então, para conhecermos você melhor. Além do mais, está nos devendo!

Christine riu.

— Aí, sim! A partir de amanhã, creio que as coisas fiquem mais calmas.

— Certo. Me passe o seu celular, que ligo para combinarmos.

Depois de trocarem números, ambas seguiram apressadas. Christine ainda precisava almoçar, e Hellen, ir até uma locação terminar um serviço pendente. A consultora descobrira que a jovem era fotógrafa, mas não tiveram tempo de entrarem em detalhes.



Christine fez uma refeição reforçada em um pequeno restaurante, lá mesmo em seu bairro, e depois de dar-se ao luxo de uma bomba de chocolate com nozes de sobremesa, rumou para a Dokimos. Como a jovem consultora esperava, o teste continuou. E novamente, ela saiu-se muitíssimo bem.

Christine não havia se preparado tanto à toa. Era o seu sonho se realizando, estava mostrando do que realmente era capaz. Ao final, conseguiu um olhar de admiração de Alice e um respeito de Bertha.

Fase transposta. Restava apenas mais uma.

— Bom, falta pouco. Temos tudo em mãos? — Alice olhou firmemente às companheiras.

Bertha e Christine assentiram, elas três, carregando pastas com o material a ser apresentado. Após olhares significativos, seguiram para os elevadores. Chegara a hora.

Christine suspirou internamente.

Não negaria, estava nervosa.

O projeto *RTF Exploration* era algo grande. A empresa metalúrgica americana estava disposta a pagar alguns milhões de dóla-

res para que a Dokimos recolocasse a casa em ordem. Contudo, precisariam ter um projeto de revitalização sólido.

Depois de chegarem ao trigésimo quinto andar, Alice e suas consultoras foram rapidamente preparar a sala. Era a primeira vez que Christine punha os pés no local, e a jovem realmente foi arrebatada.

Cadeiras de couro negro, nitidamente confortáveis, estavam dispostas ao redor de uma mesa retangular de vidro escuro com base de ferro laqueado. No canto inferior esquerdo do quarto havia a entrada para uma copa privada, e no direito, um moderno aparelho de projeção.

Christine e Bertha conectaram o equipamento e distribuíram as pastas sobre a mesa. Logo, os primeiros membros da reunião foram chegando.

— Boa tarde — saudou Elizabeth Horios amigavelmente, os seus olhos intensos passando por cada um da sala, à medida que elegantemente dirigia-se à sua posição.

Os demais presentes replicaram e aguardaram por instruções. A presidente da Dokimos sentou-se em sua cadeira à cabeceira da mesa, e sem preâmbulos, pediu que começassem a apresentação.

Alice e sua equipe estavam em sintonia, e os minutos passaram soltos, com os tópicos sendo demonstrados de forma concisa. Perguntas sendo sanadas com argumentos concretos. Nenhuma brecha.

Elizabeth sorriu.

— Bem, vejo que o setor contábil conseguiu novamente — olhou para os demais diretores de setores, quem, também agradados, concordaram prontamente. — Senhorita Alice, pode seguir em frente. Tenho certeza de que a apresentação será um sucesso com nossos clientes. Você e sua equipe estão de parabéns.

O celular de Elizabeth tocou.

— Senhores, terminamos. Senhorita Alice, por favor, espere uns instantes — a mulher mais velha instruiu enquanto se levantava. Atendeu a chamada e foi para a copa.

— Vocês foram ótimas! — Alice olhou orgulhosa à Bertha e Christine, quem também sorriam satisfeitas. — Não quero mais ver a cara de vocês hoje. Vão para casa descansar. Bom, que terão tempo para pensar no que farão com a bonificação que irão receber — piscou.

As duas seguiram a sugestão alegremente, e mais que apressadas, deixaram a sala.

— Fiquei impressionada. Vocês realmente conseguiram organizar tudo a tempo — Elizabeth voltava, com um sorriso. — A menina nova saiu-se bem. Parece que finalmente você encontrou sua segunda consultora.

— Verdade. E a pressão sobre a pobre foi muita — Alice contou a história do teste.

Elizabeth deu uma risada, ao final.

— Por essas e outras que gosto de Bertha.

Alice bufou. Para em seguida derreter, ao sentir lábios macios sobre os seus. Após o susto com a aproximação inesperada, ela retribuiu o beijo, abriu os lábios e as duas mulheres submergiram, por instantes, em sensações.

— Combinamos de não fazermos isso aqui... — Alice lembrou ofegante, quando romperem o contato.

Elizabeth sorria jocosamente.

— Eu sei. Me desculpe...

— Ideia sua, aliás...

Elizabeth acenou, o seu sorriso morrendo.

— O que foi? — Alice conhecia bem o olhar.

— Era Daniel ao telefone. Terei que cancelar hoje à noite. Ele não está se sentindo bem. Está com febre, parece um resfriado daqueles...

Toda a alegria de Alice se foi. Sua expressão ficou em branco.

— Mamãe tem um jantar de caridade. Preciso ficar com Emily. E com o pai acamado, ela talvez não-

Alice cortou Elizabeth com um elevador de mão.

— Chega, já entendi — seu tom saiu oco. Girou nos saltos e rapidamente foi para a saída.

Elizabeth não tentou impedi-la. Somente dificultaria mais as coisas e não mudaria sua situação. Conversariam com calma, depois.

Depois.

Palavra dolorosamente associada ao envolvimento das duas.



Alice encarava seu reflexo no espelho do banheiro privativo, seus olhos brilhando com as lágrimas que ela fazia questão de segurar.

“Você não vai chorar! Deixe de ser ridícula...” — altercou consigo, irritadamente enojada.

Ouviu uma batida na porta do escritório.



— Alice? — Bertha chamou mais de perto, provavelmente, após entrar na sala.

A diretora respirou profundamente e quadrou os ombros, a sua face assumindo uma máscara de normalidade.

— No banheiro, Bertha! Só um momento — seu tom ecoou um pouco mais grosso que o habitual, e Alice fez uma careta ante o descuido de seu corpo.

Suspirou e engessou seu sorriso ensaiado, saindo.

— O que você ainda faz por aqui? — brincou, pondo as mãos na cintura, com falsos olhos estreitos.

Bertha a estudava suspeitosamente.

— Você está bem?

— Sim... Só cansada. Mas, o que você ainda faz por aqui?  
— Alice repetiu, tentando mudar de assunto.

Bertha deu de ombros.

— Christine e Carolline estão discutindo lugares para nossa comemoração, já que nossa RP também recebeu sua bonificação de poder começar o final de semana mais cedo. Um pedido seu, creio?

Alice acenou em concordância.

— Ela merece. Seu apoio foi importante.

— Só não faça muito alarde disso, senão Caroline vai se achar ainda mais.

As duas riram. A menina, realmente, era energética.

— Vamos sair para tomar umas bebidas. Vim saber se gostaria de ir conosco. Ou você já tem planos para mais tarde? — Bertha voltou a fitá-la atentamente.

Alice suspirou, enfim deixando seu real abatimento um pouco visível.

— Você não desiste...

Bertha deu de ombros com um sorriso jocoso.

— Não. E te conheço muito bem... “Ela” cancelou.

Alice suspirou mais uma vez e tremeu a cabeça positivamente. Vendo que a amiga ia dizer algo que ela não queria ouvir, cortou-a:

— Agora não, Bertha... Por favor...

— Okaaaay... Então, você está saindo conosco — a outra afirmou, com uma de suas sobrancelhas elevadas em desafio.

— Hum... Não sei...

— Ela não está deixando de viver por sua causa — Bertha foi certa.

Os olhos de Alice brilharam em afronta.

— Tem razão. Acho que um pouco de álcool irá fazer bem.

O sorriso de Bertha era presunçoso.

— E em ótima companhia!



— Christine, verdade que você morou no Brasil? — Caroline perguntou a certa altura, depois de um gole em sua cerveja.

A jovem consultora elevou uma sobrancelha.

— As notícias correm rápidas pela Dokimos, não?

— Ainda mais em se tratando de Caroline — Bertha cutucou.

A citada fez um bico e as demais riram.

Christine olhou para Alice, quem após engolir um pouco de seu vinho, balançou a cabeça negativamente, com um sorriso.

— Não tenho nada com isso! — a diretora se defendeu. — Além do mais, para quê eu iria ficar espalhando detalhes de sua vida pessoal? — foi sincera.

— Certamente obra de Anne — Bertha acusou maldosa.

Caroline bufou.

— Ai, não importa quem foi! É verdade ou não? Fiquei curiosa. Sempre quis ir lá.

Christine mostrou um sorrisinho. Havia dado toda a volta somente para implicar.

— Sim, é verdade. De fato, minha mãe é brasileira e meus pais e meus irmãos ainda moram no Brasil.

— Ora! Do quintal de vocês há uma boa visão da Amazônia? — Bertha indagou maldosa.

Christine atirou-lhe um clarão e riu sonoramente. Em seguida, a jovem consultora riu junto de Bertha e das outras.

Com o sucesso da provação para o projeto e o respeito de Alice, Bertha havia amaciado mais com “a menina”. Obviamente continuaria sendo extremamente exigente, mas admitia que Christine fosse competente, e bastante agradável. Inclusive aos olhos.

Passada a algazarra, Christine respondeu às perguntas sobre sua origem. As mulheres não foram invasivas. Era apenas interesse saudável. Christine não tinha problemas em falar sobre eles, pelo contrário. Contou o pai ser londrino e ter conhecido a esposa em uma viagem de negócios. Os dois se apaixonaram, casaram e moraram por cinco anos em Londres. No entanto, um ano após o nascimento de Christine eles se mudaram para Florianópolis, no Brasil, terra natal da família de sua mãe, onde o pai de Christine ampliaria os negócios da família no setor pesqueiro.

— Então você é a filha do meio — Alice comentou. — Adoraria ter irmãos, sou filha única — contou, não escondendo o pesar em seu tom.

— Christopher é dois anos mais velho do que eu, e Caitlin, três anos mais nova.

— Tenho cinco irmãos! — Carolline declarou com uma careta.

A partir dali, engataram em histórias divertidas sobre o passado em família. Bertha e Alice eram as mais reservadas. Uma, por não gostar de revelar muito, a outra, por não ter muito a dizer.



O baque do corpo fortemente apertado contra a parede foi suficiente para fazer um dos quadros ir ao chão. No entanto, o barulho do vidro rachando não foi suficiente para interromper o avanço dos toques e a procura das línguas.

Uma perna se apertou mais entre duas outras. Uma mão se atreveu em blusa recém-aberta e sobre um seio precariamente ainda coberto por um sutiã preto de renda.

Um lamento rouco rompeu o beijo intenso, quase doloroso.

— Na-não deveríamos... Estar fazendo isso... — lembrou a voz arfante junto a um novo gemido, ao sentir a mão festejando em seu seio e lábios macios, mas exigentes, em seu pescoço.

— Não — uma mordida em ombro pálido — mas vamos mesmo assim...

— Va-vamos pro quarto... — foi o pedido em meio a uma respiração cada vez mais alterada, à medida que suas mãos também passavam a explorar com ousadia e impaciência.

— Primeiro a entrada. O prato principal vem depois — foi entregue em tom danoso, enquanto a mulher se abaixou e rapidamente elevou a saia da outra até a cintura, desceu a calcinha em um movimento brusco e pôs uma de suas pernas em seu ombro.

Ela tinha toda a intenção de não pular nenhuma etapa.

---

FIM DA AMOSTRA DO LIVRO

Você gostou?

Compre agora:

Versão Impressa – <https://goo.gl/PsrtYa>

Versão eBook – <http://goo.gl/VBASmf>

OU

[Veja mais detalhes deste livro no site da autora](#)

---